



A humanização na escrita jornalística: a literatura como ponte entre o sujeito e o real sob a ótica de Muniz Sodré¹

Thabata FRANÇOIS²

Vanessa Luiza de WALLAU³

Centro Universitário Da Fundação Assis Gurgacz - FAG

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da humanização na escrita jornalística, analisada sob a ótica de Muniz Sodré. Partindo da constatação de que o jornalismo contemporâneo tende a priorizar a objetividade e a velocidade informativa em detrimento da complexidade humana presente nas narrativas, busca-se compreender de que modo o jornalismo literário e a literatura podem funcionar como pontes entre o sujeito e o real. A pesquisa, de natureza teórico-bibliográfica, fundamenta-se em autores como Sodré, Gil e Louzeiro, e discute a desumanização velada nas práticas jornalísticas cotidianas - em especial nas coberturas de pessoas em situação de vulnerabilidade - contrapondo-a a uma escrita sensível e de imersão. Conclui-se que o jornalismo literário oferece caminhos possíveis para reaproximar o leitor da experiência humana do outro, promovendo uma ética narrativa que ultrapassa a mera transmissão de fatos.

Palavras-chave: Jornalismo literário; Humanização; Muniz Sodré; Ética; Narrativa.

1. INTRODUÇÃO

Em grande parte das coberturas jornalísticas brasileiras, sobretudo as de caráter policial ou social, é possível observar uma forma de julgamento que não se revela em

¹ Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no VII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejoir Sul)

² Acadêmica do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). Temas de pesquisa: Jornalismo, literatura e humanização das narrativas. E - mail: tlfrancois@minha.fag.edu.br

³ Professora orientadora. Docente do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: vanessaluiza@fag.edu.br



ofensas explícitas, mas em construções discursivas sutis, que classificam e reduzem o outro a sua condição imediata. Essa representação, aparentemente neutra, reitera uma visão fragmentada e superficial da realidade, em que a complexidade humana se dissolve em estereótipos e dados estatísticos. O problema, portanto, não está apenas no que é dito, mas sobretudo no que é omitido, nas ausências de contexto, de nome, de história e de voz. Medina (2006) destaca que o jornalismo só se humaniza quando se dispõe a escutar, e não apenas noticiar, rompendo com a lógica da representação estereotipada do outro.

Muniz Sodré⁴ (2009) observa que o jornalismo moderno, ao submeter-se ao ritmo industrial da informação, perdeu parte de sua função originária de mediação humana. O que deveria ser espaço de encontro e tradução do mundo torna-se, muitas vezes, um campo de distanciamento, em que a linguagem se restringe à notificação de fatos, sem acolher o sentido simbólico e afetivo que os constitui. Nessa perspectiva, o jornalismo, ao priorizar a forma noticiosa e a impessoalidade, acaba por afastar-se da experiência humana que o sustenta.

Em contrapartida, a literatura, e o jornalismo literário em particular, revelam práticas capazes de restituir a profundidade e a empatia às narrativas jornalísticas. Obras como *“Infância dos Mortos”* (1997), de José Louzeiro⁵, exemplificam essa potência ao apresentar crianças marginalizadas não como delinquentes, mas como vítimas de um sistema social fragmentado, devolvendo-lhes nome, origem e humanidade. É nesse entrelugar, onde a literatura e o jornalismo se cruzam, que se localiza a proposta deste estudo.

Assim, este trabalho tem por objetivo analisar como o jornalismo literário, a partir da ótica de Muniz Sodré, contribui para a humanização do discurso jornalístico, propondo uma escrita que ultrapasse a superficialidade informativa e recupere o compromisso ético de compreender o outro em sua totalidade. Parte-se da hipótese de que a literatura, enquanto prática de escuta e representação sensível, oferece ao

⁴ Muniz Sodré, em *A narração do fato* (2009), propõe que o jornalismo contemporâneo deve ser entendido não apenas como transmissão de informação, mas como prática simbólica que envolve o reconhecimento do outro.

⁵ *Infância dos Mortos*, romance-reportagem de José Louzeiro publicado em 1977, constrói uma narrativa baseada em fatos reais sobre crianças em situação de rua, revelando a dimensão social e afetiva por trás do crime.



jornalismo caminhos para resgatar a dimensão humana do relato e combater, ainda que simbolicamente, os preconceitos reproduzidos nas narrativas midiáticas.

A discussão se insere no contexto contemporâneo de crise das mediações e da credibilidade jornalística, em que a pressa e o consumo digital reconfiguram a experiência de ler e compreender o mundo. Nesse cenário, a humanização da escrita surge não apenas como um gesto estético, mas como um ato político e ético, de devolver ao jornalismo sua função mais nobre: narrar o humano em sua complexidade.

2. METODOLOGIA

Adotou-se abordagem qualitativa, baseada na análise documental e bibliográfica, com foco em reportagens sobre menores infratores e na obra *Infância dos Mortos*. A análise concentrou-se em três dimensões: (i) forma de apresentação dos sujeitos; (ii) profundidade do contexto social, histórico e emocional; (iii) uso de recursos literários que promovem empatia. Gil (2008) enfatiza que a pesquisa em ciências humanas deve buscar compreender fenômenos em seu contexto, considerando significados atribuídos pelos atores sociais⁶.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O jornalismo tradicional frequentemente reduz sujeitos vulneráveis a estereótipos, de acordo com Brum (2006) “A imprensa transforma pessoas em personagens e personagens em números, apagando suas histórias em nome da velocidade”⁷. Sodré (2009) observa que o jornalismo de massa tende a apresentar o outro de forma estereotipada, produzindo leituras superficiais da realidade e reforçando preconceitos existentes.

Em contraste, *Infância dos Mortos* (Louzeiro, 1979) oferece narrativa detalhada e sensível, apresentando menores infratores como vítimas de uma sociedade desigual.

⁶ Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas.

⁷ BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.



Louzeiro escreve: “Essas crianças não são delinquentes por natureza; são frutos de uma sociedade que as negligenciou” (p.112).

Técnicas literárias como construção de personagens, contextualização e descrição de sentimentos aproximam o leitor da experiência do outro. Logo nas primeiras páginas, a vida de Pixote, o personagem principal, se mostra um enorme desafio, levando qualquer leitor a se colocar na narrativa, inspirando empatia pelo menino, que durante a vida, conheceu apenas aquela realidade.

Com certa sensação de vaidade, nos seus onze anos de vida e pelo menos três de delinquência, Pixote afundou as mãos nos bolsos, pôs-se a rodopiar entre os que chegavam em grandes levadas. Os sapatos de pano que calçava estavam rasgados, a calça mostrava-lhe boa parte das canelas muito finas. (Louzeiro, p.8, 1979)

Em “*Como se faz uma tese*”, Eco (1997) afirma que a narrativa bem construída permite ao leitor experimentar a complexidade do outro, possibilitando uma leitura ética e responsável da realidade.

Ao comparar reportagens tradicionais com o livro de Louzeiro, percebe-se que o primeiro costuma reproduzir estereótipos, enquanto o segundo oferece compreensão crítica. Notícia sobre menores apreendidos por tráfico foca no ato criminoso, sem detalhar fatores socioeconômicos; Louzeiro detalha trajetórias de vida, ausência de oportunidades e afeto, promovendo empatia.

Outro aspecto é o impacto social da narrativa humanizada. O jornalismo literário não apenas informa, mas educa, estimulando o leitor a questionar julgamentos precipitados e compreender a complexidade social. Essa função ética é essencial para formar uma percepção crítica e sensível sobre o outro, como defendem autores como Sodré (2001) e Medina (2006), ao proporem um jornalismo que resgata a escuta e a experiência humana como fundamentos da prática comunicacional.

A análise mostra que a humanização no jornalismo não é apenas estética, mas imperativo social e ético. Técnicas literárias promovem compreensão profunda, combate a preconceitos e contribuem para uma sociedade mais empática.



6. CONCLUSÃO

A pesquisa evidencia que a humanização na escrita jornalística é fundamental para a ética e responsabilidade social da mídia. O jornalismo literário, ao aprofundar narrativas individuais e coletivas, promove empatia, reflexão crítica e compreensão das condições sociais que moldam o comportamento humano. Em contraste, o jornalismo tradicional frequentemente reforça estereótipos e superficialidade.

A adoção de técnicas literárias no jornalismo representa uma estratégia ética e socialmente responsável, capaz de transformar a percepção pública, estimular reflexão crítica e contribuir para uma sociedade mais justa e consciente. A humanização, portanto, não é um recurso estilístico opcional, mas elemento central para um jornalismo comprometido com a realidade e com o outro.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LOUZEIRO, José. **Infância dos Mortos**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Jornalismo e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2001.